

VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

OS LITERATOS NA IMPRENSA: CONTRIBUIÇÕES DE UMA INVESTIGAÇÃO DE JOÃO DO RIO

Rodrigo Cardoso S. de Araujo*

A contribuição dos chamados "homens de letras" na imprensa é uma marca indissociável da história do Brasil oitocentista. A imprensa, desde a década de 1820, passou a ser concebida como um importante espaço de atuação política para aqueles indivíduos alijados da estrutura formal do governo, mas motivados a atuar politicamente¹. Por outro lado, aqueles que faziam parte do governo também recorriam com freqüência à imprensa, expressivo sintoma do reconhecimento deste espaço público como um lugar político. Além da imprensa outros espaços públicos se destinavam ao fazer político tal como associações profissionais, irmandades, os cafés ou simplesmente a rua. Estes espaços públicos somados passaram a constituir uma esfera pública de atuação política paralela ao Estado². Dentre todos estes espaços a imprensa era reconhecida como um dos mais importantes. Com a consolidação da imprensa enquanto

_

^{*} Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH/UERJ). Sua pesquisa conta com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

MOREL, Marco. As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidade na Corte Imperial (1820 – 1840). São Paulo: HUCITEC, 2005.

² HABERMAS, Jürgen. Mudança Estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Trad. Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

ISBN: 978-85-98711-10-2

espaço de exercício de poder durante as décadas de 1820 e 1830, este meio de comunicação se estabeleceu doravante como um ativo partícipe da história política do Brasil³.

Um dos principais cronistas atuando no Rio de Janeiro em princípios do século XX foi o polêmico João do Rio, pseudônimo que tornou famoso a João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto. Trabalhando para a *Gazeta de Noticias*, em 1904, João do Rio, promoveu uma investigação a fim de retratar o "momento literário" brasileiro da *Belle époque*⁴. Seu trabalho consistiu na elaboração de um questionário com cinco perguntas que buscavam mapear os gostos, influências, estilos, regionalismos da literatura nacional e a influência da imprensa na literatura⁵. Responderam ao questionário trinta e seis indivíduos ligados ao universo das letras, a maioria deles atuando simultaneamente em diferentes áreas, trabalhando como literatos, jornalistas, políticos, advogados entre outros, alias, como de praxe.

A investigação feita por João do Rio ainda nos primeiros anos do século XX fornece uma valiosa fonte para o estudo da Literatura daquele período. A contribuição destes relatos, em verdade, pode ser aproveitada para a elaboração de diferentes projetos de pesquisa. Esta comunicação enfocará as respostas à última pergunta de seu questionário: "o jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?".

As respostas dos entrevistados apontam para possibilidades de investigação não estritamente ligadas a interferência, boa ou má, que a imprensa teria sobre literatura.

MOREL, Marco. As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidade na Corte Imperial (1820 – 1840). São Paulo: HUCITEC, 2005.

JOÃO DO RIO. O momento literário. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura; Fundação Biblioteca Nacional, 1907. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/momento_literario.pdf Acesso em: 25 de janeiro de 2012.

⁵ 1. Para sua formação literária quais os autores que mais contribuíram?

^{2.} Das suas obras, qual a que prefere?

^{3.} Lembrando separadamente a prosa e a poesia contemporâneas, parece-lhe que no momento atual, no Brasil, atravessamos um período estacionário, há novas escolas (romance social, poesia de ação, etc.) ou há a luta entre antigas e modernas? Neste último caso, quais são elas? Quais os escritores contemporâneos que as representam? Qual a que julga destinada a predominar?

^{4.} O desenvolvimento dos centros-literários dos Estados tenderá a criar literaturas à parte?

^{5.} O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?

ISBN: 978-85-98711-10-2

Alguns entrevistados sequer responderam a pergunta, outros foram sucintos e não justificaram suas considerações. Outros, entretanto, dedicaram-se a elaboração de um complexo panorama sobre a questão, levantando diferentes aspectos sobre a influência da imprensa na literatura. A partir do material obtido por João do Rio, o objetivo desta comunicação é analisar a maneira como os entrevistados interpretavam o desenvolvimento empresarial da imprensa que vinha se desenvolando desde fins do século XIX e seus desdobramentos positivos e negativos.

Cristiane Henriques Costa em sua tese do doutorado, defendida na área da Comunicação, intitulada *Escritores jornalistas no Brasil (1904 – 2004)* pretendeu dar continuidade à investigação iniciada por João do Rio. Desmembrando a quinta pergunta do questionário de João do Rio em outras treze, a pesquisadora entrevistou diversos indivíduos com destaque na imprensa e na literatura ao longo do século XX no Brasil. Partindo sua análise das investigações de João do Rio, Costa elaborou um panorama descritivo das respostas dos entrevistados sem, contudo, aprofundar a investigação em torno do momento por que passava a imprensa naquele início de século⁶.

Os indivíduos entrevistados por João do Rio que se dispuseram mais detidamente a responder a pergunta acabaram não se restringindo a opinar de forma maniqueísta sobre a imprensa enquanto fator bom ou mau para a literatura. Indo além, dedicaram-se a analisar o funcionamento da imprensa enquanto empresa empregadora de literatos.

Os entrevistados, em sua grande maioria, pautavam suas respostas em vivências próprias da experiência profissional de se acumular as ocupações de literato e jornalista. Hábeis na retórica, as respostas raras vezes deixaram uma impressão única a respeito da imprensa enquanto fator atuante sobre a literatura. Os discursos apontam para diferentes lados, em geral, ressaltando aspectos positivos e negativos. Filinto de Almeida, por exemplo, concluiu sua resposta com a pouco elucidativa afirmação: "[A

⁶ COSTA, Cristiane Henriques. *Escritores jornalistas no Brasil (1904 – 2004)*. (tese de doutorado). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2004.

ISBN: 978-85-98711-10-2

imprensa] não é em geral um fator bom para a arte literária, e talvez no Brasil não o seja muito em breve, mas já foi e ainda o é³⁷.

Desta maneira, não nos interessa aqui estabelecer gráficos apontando estatísticas de como eles se manifestaram quanto à questão. Sem dúvida, terá mais importância para os fins desta comunicação tratar de alguns aspectos principais levantados pelos entrevistados. Sendo ou tendo sido a maioria deles literatos e jornalistas simultaneamente, suas respostas são um relato dos próprios agentes que empregaram sua mão de obra na imprensa.

De diferentes maneiras eles contextualizaram suas análises no processo de desenvolvimento empresarial que a imprensa vinha passando, em especial no Rio de Janeiro desde o último quarto do século XIX. Diversos fatores contribuíram para o acumulo de capital cada vez maior em torno das redações dos periódicos, cada vez mais administrados com o intuito de serem empreendimentos economicamente viáveis. A imprensa se transformava, o potencial de intervenção política muitas vezes ficando em segundo plano e a palavra imprensa era valorizada como negócio.

Entre os componentes deste processo de desenvolvimento empresarial da imprensa teve grande importância a melhoria dos meios de comunicação com a sistematização do serviço de correios e a instalação do sistema telegráfico. Esta última novidade, logo, seria acompanhada pela fundação de uma filial da agência de notícias internacionais Havas, em 1874. As informações se espalhavam com mais velocidade e a cidade do Rio de Janeiro ganhava também a contribuição da ampliação da malha ferroviária e do sistema de bondes em sua malha urbana⁸.

O ritmo de vida mais dinâmico que se impunha foi acompanhado pela popularização da venda de periódicos avulsa, vendido não mais apenas em livrarias e outros locais, mas agora também apregoada por dezenas de jovens vendedores de diversas nacionalidades nas ruas do centro da cidade. Mesmo a linguagem de alguns

^{7.} JOÃO DO RIO. O momento literário. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura; Fundação Biblioteca Nacional, 1907. Página 10. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/momento_literario.pdf Acesso em: 25 de janeiro de 2012.

BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa, Brasil 1800 – 1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

ISBN: 978-85-98711-10-2

periódicos se adaptava aos novos tempos investindo numa suposta imparcialidade política. Os diários buscavam ampliar seu público leitor.

Foi fundamental ainda neste processo de desenvolvimento empresarial da imprensa o aprimoramento de novas formas de receita para além da venda das folhas e da tradicional coluna de artigos pagos: "a pedidos". Além da publicação de anúncios, publicava-se ainda matérias subvencionadas por particuladas ou mesmo por governantes conscientes da importância da imprensa para legitimação de suas ações. Por fim, cabe mencionar o aspecto técnico que proporcionou o aumento das tiragens dos periódicos, sobretudo, já últimos anos do século XIX.

O periódico mais importante neste processo de transformação por que a imprensa passou neste período foi a *Gazeta de Noticias*, dirigida por Ferreira de Araújo. Quatro dos entrevistados reconheceram a importância deste jornalista mencionando sua decisiva contribuição neste processo ou lastimando que a imprensa não contasse mais com nomes como o dele e o de José do Patrocínio. Para Lima Campos:

O jornalismo, como se acha constituído atualmente, não me parece dos melhores, mas já houve tempo em que foi excelente, não direi como *fator*, porém como elemento *animador* — isso no tempo dourado, em que os espíritos cintilantes, robustos, limpos, sem invejas, sem receio de *sombra* e, sobretudo, sem esnobismo, eternamente moços e eternamente boêmios, de Patrocínio e de Ferreira de Araújo, eram as duas vidas, as duas almas simples e claras, as duas forças sadias da imprensa⁹.

Seguindo a mesma linha afirma Augusto Franco:

Quando o jornalismo conta entre os seus mentores um vulto da estatura moral do pranteado e meigo Ferreira de Araújo, então ele é bom, ele é fecundo, ele é ótimo, não simplesmente como vigoroso fator literário senão também como um nobre impulsor da civilização de um povo¹⁰.

Questão abordada pela maioria dos entrevistados é a participação dos literatos como mão-de-obra para a imprensa. Elencado como elemento positivo na relação entre

JOÃO DO RIO. O momento literário. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura; Fundação Biblioteca Nacional, 1907. p. 25. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/momento_literario.pdf Acesso em: 25 de janeiro de 2012.

¹⁰ Ibidem. p. 84.

6

VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar Universidade Federal do Piauí - UFPI Teresina-PI

ISBN: 978-85-98711-10-2

a imprensa e a literatura, os periódicos vistos como empresas forneceram meios de vida para jovens literatos. Muitos deles recém saídos dos bancos das faculdades de Medicina (Rio de Janeiro e Salvador) ou Direito (Recife e São Paulo), tendo ou não concluídos seus cursos, estes jovens em dificuldades para viver à custa da produção de obras literárias eram impelidos à buscavam uma colocação no mercado de impressos.

Desta maneira, a imprensa, sobretudo, a partir do último quarto do século XIX teve como um de seus principais sustentáculos estes jovens literatos. Com o sonho literato esbarrando nos entraves de se viver da publicação de livros em um mercado competitivo e de baixa remuneração, estes jovens acabavam tendo na imprensa o seu "ganha-pão". Silva Ramos em sua resposta afirma:

Para o literato [a imprensa] é um ótimo fator, porque, facultando-lhe um emprego de repórter ou de noticiarista, quando mais não seja, coloca-o ao abrigo das primeiras necessidades, tornando, para sempre, impossível a reprodução do quadro lendário: o poeta morrendo de fome...¹¹

Atrelada à pragmática questão financeira que atraia os literatos para as redações dos periódicos, muitos dos entrevistados também ressaltaram a visibilidade que os literatos conseguiam publicando suas contribuições na imprensa. Neste sentido, lamentando o baixo índice de escolaridade do povo brasileiro, Olavo Bilac é contundente ao afirmar: "[O jornalismo] é mesmo o único meio do escritor se fazer ler. O meio de ação nos falharia absolutamente se não fosse o jornal — porque o livro ainda não é coisa que se compre no Brasil como uma necessidade".

O estilo presente nas páginas submetidas à mesma pena, ainda que com propósitos diferentes se misturava, o discurso da imprensa recebia um tratamento literário e o trabalho na imprensa, por sua vez, influenciava na literatura. Na opinião de alguns entrevistados o trabalho cotidiano nas redações seria benéfico para a arte literária por colocar a prova os potenciais talentos literários, testando cotidianamente sua capacidade de comunicar com o público. Segundo Sílvio Romero: "é no jornal que têm todos estreado os seus talentos; nele é que têm todos polido a linguagem, aprendido a

¹¹ Ibidem. p. 51.

¹² Ibidem. p. 6.

ISBN: 978-85-98711-10-2

arte da palavra escrita¹³. Da mesma opinião é Garcia Redondo para quem "é ele [o jornal] que estimula o cultivo das letras, dando azo a que os novos surjam e exercitem as suas primeiras armas¹⁴.

Ao mesmo tempo em que muitos viam na imprensa um primeiro instrutor para o universo das letras de jovens literatos, outros acreditavam que ao empregar a pena em troca de dinheiro nas redações se estaria afetando negativamente supostas habilidades literárias. Elísio de Carvalho expressa uma das mais contundentes opiniões a este respeito:

Não haverá talvez duas opiniões a respeito do último quesito: a imprensa diária, no Brasil, é o mais pernicioso dos fatores entre os que embaraçam presentemente o nosso progresso literário. Há males diretos e males indiretos que devem ser atribuídos ao jornal. Entre os primeiros: ele perverte o estilo, rebaixa a língua e relaxa a cultura. Entre os segundos: corrompe, divide, gera ódios na própria esfera intelectual, suscita o espírito de *coterie* e mata entre os mais capazes todos os estímulos¹⁵.

Não apenas este entrevistado expôs seguras opiniões sobre o tema. Para Fábio Luz além de corromper o estilo, o labor cotidiano na imprensa encaminha seus literatos para a vida boemia e a glorificação de vaidades:

O jornalismo estraga e esteriliza os escritores e artistas que fazem dele profissão. Para a literatura é sempre prejudicial, com suas apoteoses aos amigos e conluiados, enchendo-os de vento e vaidade, e o silêncio matador para os desafetos ou indiferentes. Dos conciliábulos das redações e dos *chopps* íntimos saem sempre as *coteries* e as consagrações das mediocridades, em torno das quais chocalham os guizos da *fama* (!), desviada a atenção pública do verdadeiro mérito, iludida pelas fanfarras, entontecida pelo fumo do incenso queimado em turíbulos de folha de Flandres¹⁶.

Outra questão abordada pelos entrevistados foi a capacidade de intervenção política da imprensa, ou como colocado por alguns, a possibilidade de intervir na instrução da população. Medeiros de Albuquerque, um dos que mais se dedicou na elaboração de sua resposta e a quem o livro foi dedicado é da seguinte opinião:

¹³ Ibidem. p. 15.

¹⁴ Ibidem. p. 52.

¹⁵ Ibidem. p. 76.

¹⁶ Ibidem. p. 58.

8

VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar Universidade Federal do Piauí - UFPI Teresina-PI

ISBN: 978-85-98711-10-2

Não é verdade que o jornalismo prejudique em nada a nossa literatura. O que a prejudica é a falta de instrução. Sem público que leia, a vida literária é impossível. O jornal faz até a preparação desse público. Habitua alguns milhares de pessoas a uma leitura quotidiana de alguns minutos, dando-lhes amostras de todos os gêneros. Os que têm gosto e tempo começam por aí e passam para os livros. Mas o jornal é o indicador. Em nenhum país de grande literatura deixa de haver grande jornalismo. Sem este, aquela é impossível. Os que atacam a imprensa o que deviam fazer era atacar a falta de instrução¹⁷.

Assim, para alguns a imprensa era um fator positivo tanto para o literato que conseguia um trabalho remunerado e tinha suas primeiras "lições" no mundo das letras e era, ao mesmo tempo, bom para o público que tinha na imprensa um instrutor. Outros entrevistados foram mais céticos ao abordarem o mesmo tema. A imprensa seria um fator mau tanto para literatos ali empregados quanto para o público leitor. O jurista Clóvis Bevilácqua afirma:

Em relação aos que nele trabalham, esgota as energias, dispersa os esforços e alimenta a superficialidade; e, em relação aos que nele bebem ideias, mais vezes perturba do que bem orienta, mais vezes agita paixões do que esclarece opiniões.É uma forte projeção de luz envolvida em densa fumarada¹⁸.

Observando esta multiplicidade de questões levantadas por seu questionário, João do Rio se mostrou surpreso ao final do processo. Não havia chegado a pontos concordantes, se haviam pontos de vista em comum sobre um tema, proporcional era o ponto de vista contrário sobre o mesmo objeto. Se para alguns a literatura nacional estava em decadência, para outros ela se encontrava no auge. Se para alguns a literatura regional era o futuro das letras do país, outros desprezavam os esforços regionais.

Quanto à questão de que aqui nos ocupamos verificamos assim como João do Rio uma amalgama de reflexões que abarcavam diferentes subtemas que levavam o entrevistado a caminhos diversos em suas respostas. Entre os elementos positivos elencados pelos entrevistados os mais recorrentes foram: era um mercado empregador dos literatos; tratava-se de uma oportunidade de se ter uma "instrução na prática" no universo das letras; era um meio de se obter visibilidade pública; proporcionava a atuação política através da instrução do público leitor.

¹⁷ Ibidem. p. 23.

¹⁸ Ibidem. p. 32.

9

VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar Universidade Federal do Piauí - UFPI Teresina-PI

ISBN: 978-85-98711-10-2

Entre os pontos negativos levantados por parte dos entrevistados vemos quase um espelho inverso do que foi ressaltado como elementos positivos por outros. Algumas das respostas ressaltam que por dependerem da remuneração do trabalho na imprensa os literatos acabavam corrompendo seu estilo, não dedicando tempo ao cultivo da arte literária e rebaixando-se as exigências laborais das redações dos jornais. A visibilidade adquirida nos jornais serviria apenas para alimentar vaidades e uma vida desregrada. Também para o público o jornal seria um mau, uma vez que ele estaria mais preocupado em vender do que em instruir a população.

Temas comuns e opiniões diversas marcaram as respostas dos entrevistados. A despeito das diferentes maneiras de se conceber os pontos que enfocaram em suas análises, uma questão que, em alguma medida, perpassa a grande maioria das respostas é a percepção da consagração de um novo tipo de imprensa, na qual o jornal não é apenas um meio de atuação política, mas também uma empresa.

Se por fornecer emprego aos literatos a imprensa é um fator positivo ou se é negativo por despertar vaidades ou atrapalhar a dedicação à arte literária, foram verificados diferentes argumentos em ambas as direções. Para alguns o jornal seria capaz de instruir a população, para outros ele era uma nulidade neste sentido. O inegável diante das opiniões divergentes, no entanto, é o contexto sobre o qual as opiniões estavam balizadas: os argumentos elencados pelos entrevistados descreviam o jornal enquanto uma empresa orientada primeiramente por fins pecuniários. Os proprietários dos periódicos contavam para isso com uma mão de obra qualificada e atraída por este mercado de trabalho: jovens literatos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Rodrigo Cardoso S. de. Pasquins: submundo da imprensa na Corte Imperial (1880 – 1883). Rio de Janeiro: Multifoco, 2012.

BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa, Brasil – 1800 – 1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

_____. Os donos do Rio - Imprensa, poder e público (1880-1920). Rio de Janeiro: Vício de leitura, 2000.

ISBN: 978-85-98711-10-2

BARROS, Mariana Monteiro de; MOREL, Marco. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX.* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BASILE, Marcello Otávio N. de C. *Anarquistas, Rusguentos e Demagogos: os liberais exaltados e a formação da esfera pública na Corte Imperial (1829 – 1834).* Dissertação (mestrado). Rio de Janeiro: Programa de pós-graduação em História Social – UFRJ, 2000.

CARVALHO, José Murilo de (org). As conferências radicais do Rio de Janeiro: novo espaço de debate. In: *Nação e cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

COSTA, Cristiane Henriques. *Escritores jornalistas no Brasil (1904 – 2004)*. (tese de doutorado). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2004.

GUERRA, François-Xavier; LEMÉRIÈRE. Los espacios públicos en Iberoamérica: ambigüedades y problemas. Siglos XVIII-XIX. México: Centro Francés de Estudios Mexicanos y Centroamericanos, 1998.

HABERMAS, Jürgen. Mudança Estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Trad. Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

JOÃO DO RIO. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura; Fundação Biblioteca Nacional, 1907. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/momento_literario.pdf Acesso em: 25 de janeiro de 2012.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. O problema da imprensa. São Paulo: EDUSP, 1997.

MOREL, Marco. As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidade na Corte Imperial (1820 – 1840). São Paulo: HUCITEC, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa da Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: polêmicas literárias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.